

Este trabalho se propõe a discutir a formação acadêmica de tradutores no nível de graduação no Brasil hoje, considerando, de um lado, a fundamentação teórica que estimule o futuro profissional a refletir sobre sua atividade, a se conscientizar sobre a importância sociocultural e política da tradução e, de outro, as peculiaridades de uma área em constante mudança, marcada principalmente por (r)evoluções tecnológicas.

Os últimos anos foram caracterizados por estudos que consideram aspectos que vão além de técnicas e métodos de ensino para uma boa formação. Como consequência, as crenças na aprendizagem, especialmente em relação ao ensino de língua estrangeira, passaram a ser mais estudadas, devido à influência que exercem na motivação e no sucesso do aluno. Com a tradução não foi diferente. Desde o início dos anos 2000, tem-se feito pesquisas e estudos a partir das crenças dos alunos sobre o que é tradução e sobre o papel exercido pelo tradutor, conforme proposto por Pagano, Magalhães e Alves (2000). Segundo Pagano: "Crenças sobre a tradução e o tradutor são, assim, todas aquelas percepções que se tem sobre o que seja traduzir, o que é uma boa tradução, o papel do tradutor etc." (2000, p.11). O conhecimento de algumas crenças do estudante de tradução pode oferecer subsídios para discussões em aulas de teoria ou prática de tradução, e levar os próprios alunos à "desconstrução" de tais crenças, especialmente daquelas relacionadas a pré-conceitos e estereótipos sobre o que é ser tradutor e o que é tradução. Tais crenças estão presentes também entre os profissionais já estabelecidos no mercado. Em redes sociais e blogs de tradução pode-se encontrar postagens afirmando que a graduação na área é "desnecessária" ou até mesmo afirmações de que é melhor uma pós-graduação em tradução e uma graduação em qualquer outra área, uma vez que os

curso, na visão desses profissionais, aparentemente não preparam para o mercado de trabalho. Tais declarações desencadearam um questionamento sobre o papel dos cursos e dos professores na formação dos tradutores e um estudo das grades curriculares da graduação, como será abordado a seguir.

1. Um pouco de história

Atualmente, no Brasil, temos quase trinta cursos de graduação de tradução ou de tradução e interpretação, entre os quais oito federais, um estadual e o restante particular. Os primeiros cursos abertos foram o da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1968 (PUC, particular), seguido pelo da Universidade de Brasília, em 1969 (UnB, pública) e pelo da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP, pública), em 1978. Segundo o Guia do Estudante, um instrumento de avaliação de cursos de graduação bastante usado por jovens para escolha da profissão e da universidade, esses três constam como os melhores avaliados, com cinco estrelas (pontuação máxima, atribuída à Unesp) e quatro estrelas (PUC e UnB). A maior parte dos cursos possuem página na Internet com informações sobre as grades e, por vezes, até o projeto pedagógico. Observa-se uma grande preocupação entre atrelar teoria e prática, desconstruindo uma ideia de que há excesso de teorização ou de prática de tradução literária, indo além da tradicional discussão de pontos dicotômicos, presentes desde o mito de Babel, dentre os quais podemos citar: tradução literal x livre; fidelidade x infidelidade; visibilidade x invisibilidade; domesticação x estrangeirização; literário x técnico; transcrição x recuperação; criatividade x técnica. Logicamente as discussões continuam presentes, até porque fazem parte da formação e da reflexão

sobre as diferentes vertentes teóricas que historicamente marcaram os estudos da tradução e fizeram com que tenham as características atuais.

A década de 1990 foi marcada pela divulgação dos estudos pós-estruturalistas, especialmente pela abordagem da desconstrução derridiana feita, nas universidades brasileiras, por Rosemary Arrojo, Paulo Ottoni, entre outros. Em 1992 e 1993, com a publicação de “O signo desconstruído” e “Tradução, Desconstrução e Psicanálise”, Arrojo coloca o país na vanguarda da abordagem desconstrutivista da tradução, ou seja, é principalmente por meio dos textos da autora que Jacques Derrida, filósofo argelino que traz questionamentos importantes para a nossa época, fluida e líquida (como diria Bauman) é introduzido no meio acadêmico da tradução. Segundo Marcos Siscar (2013), mais do que em outros países, em terras brasileiras a desconstrução teve um alcance maior no meio acadêmico da tradução, em oposição a outras áreas, como em teoria da literatura. Mesmo aqueles que não “concordavam” com a desconstrução viam seus pontos positivos. Para o professor, tradutor e poeta Paulo Henriques Britto,

O grande mérito da desconstrução, portanto, é ter levantado discussões que nos tornou a todos – independentemente da posição que adotemos – mais conscientes da diferença entre o que devem ser as metas da atividade tradutória e o que na prática se pode exigir de uma tradução real. Hoje, por exemplo, afirmar que uma determinada tradução de um determinado texto é a única correta ou a única possível é uma demonstração de absoluta ingenuidade teórica. (BRITTO, 2001, p.47)

Com tal panorama em mente, recorreremos ao estudo das grades curriculares, no intuito de traçar um perfil dos cursos e de seus egressos.

2. Grades curriculares

Pode-se observar, em alguns projetos pedagógicos e nas ementas das disciplinas, que muitos cursos têm por base a famosa tabela de Holmes (1972), que divide os Estudos da Tradução em “aplicados” (que abrangem ensino, ferramentas de auxílio, crítica e política da tradução) e “puros” (abrangendo estudos descritivos - orientados à função, processo e produto - e estudos teóricos) (cf. Bartholamei e Vasconcellos, 2008). Algumas décadas depois, Williams e Chesterman (2002) propuseram uma releitura da tabela de Holmes, com direcionamento para a formação e pesquisa em tradução. Novamente, observamos que as grades curriculares, de certa forma, abrangem as áreas elencadas pelos autores, tais como: análise de texto e tradução, tradução de gênero, avaliação, tecnologia, história, terminologia e glossários, ética, ensino, questões profissionais, interpretação. Verifica-se, ainda, que os currículos são similares naquilo que consideram disciplinas de formação geral e de formação específica, embora nem sempre as nomenclaturas sejam as mesmas.

Apresentamos, a seguir, um quadro com as disciplinas encontradas nas diversas grades pesquisadas. Não especificamos quais são as universidades devido ao objetivo do trabalho que pretende, especificamente, mostrar a importância e relevância dos cursos de graduação para o futuro profissional e não avaliar as particularidades de cada curso.

O principal ponto em apresentar as disciplinas é mostrar o quão abrangente é a graduação e como o egresso sai com formação ampla na área, podendo, portanto, ingressar no mercado de trabalho com muito mais propriedade e segurança do que os profissionais com mais tempo de exercício parecem acreditar.

Um exemplo de declaração sobre a não-importância da formação encontramos em um dos blogs pioneiros e com maior número de acessos no Brasil. Em uma postagem colocada na guia “perguntas frequentes”, uma das responsáveis pelo blog escreve:

Existem os prós e os contras de qualquer formação (ou falta de). A vantagem dos formados em Letras e/ou Tradução é que talvez (taaaalvez), com um conhecimento mais aprofundado de Linguística, Gramática, Análise do Discurso e mil outras disciplinas teóricas, eles tenham mais base para brincar com as palavras sem ferir a norma culta, por exemplo. (...) Mas formados em Letras e Tradução não têm uma coisa que os formados em outras áreas têm: nicho. Se você fez Direito, oras, vá traduzir textos jurídicos! Dá uma boa grana. Se fez Engenharia, tem tanta coisa de porca e parafuso por traduzir! E assim em todas as áreas. Talvez, muito provavelmente, vai ser preciso estudar português muito mais do que os formados em Letras; mas eles têm que estudar a área a traduzir, então acaba ficando elas por elas, com a possível exceção da tradução literária ou de filmes.

ABC de como se tornar tradutor - Blog: www.tradutorprofissional.com

Percebe-se, assim, que há um pré-conceito de que os cursos de tradução são voltados para “mil disciplinas teóricas”, e as grades vão mostrar que não é exatamente o que ocorre. Três anos depois, essa mesma tradutora, em uma postagem no grupo Tradutores / Intérpretes, afirma:

Muitos, como eu, desconhecem os cursos superiores de tradução. Temos uma ideia de como funcionam, mas em geral, essa ideia deve estar uns 20 anos atrasada. (...) vou contar para vocês o que ouvi delas [UFU], assim tiramos o pó das nossas ideias pré-concebidas e vemos como as coisas estão progredindo. Primeiro, tem uma prova de habilidade para entrar no curso. (...) Segundo, os alunos saem do curso conhecendo mais CAT tools do que eu.” (K, 21 abr 2014)

Há, assim, uma conscientização de que no ciberespaço muitos expressam suas opiniões sobre os cursos de tradução sem estarem totalmente inteirados sobre o que ocorre, neste momento, nas universidades públicas e particulares.

Podemos ter uma pequena amostra dos conteúdos abordados e do enfoque dado à formação a partir do quadro a seguir, que traz uma compilação das grades curriculares da maioria das universidades pesquisadas.

Disciplinas de formação específica (obrigatórias)	Disciplinas de núcleo comum (obrigatórias)
Introdução aos Estudos da Tradução	Estudos do texto: coesão, coerência e tipologia
Teorias contemporâneas da Tradução	Tipos e gêneros textuais
Ética profissional (Introdução às normas de tradução)	Produção criativa de textos (Leitura e produção de textos)
Novas ferramentas de tradução (Tecnologia da Informação e Comunicação) (Informática aplicada à tradução)	Português para tradutores (Língua Portuguesa I, II, III e IV)
Metodologia de pesquisa em Tradução (Linguística Aplicada: Questões de tradução)	Revisão de textos
Terminologia aplicada à Tradução (Tradução e linguística de corpus)	Linguística ou Análise do Discurso ou Sociolinguística
Tradução comentada (Estudos comparados em tradução)	Estudo dos gêneros literários
Prática de Tradução: textos gerais	Teoria e crítica literárias
Prática de Tradução: textos técnicos e científicos	Literatura (brasileira, estrangeira) (Literatura e outras artes)
Prática de Tradução: textos audiovisuais	Cultura (brasileira, estrangeira) (Linguagem e sociedade)
Prática de Tradução: textos literários	Língua estrangeira (Leitura e compreensão de textos em língua estrangeira)
Tradução para a língua estrangeira	Língua estrangeira: idiomática e convencionalidade
Monografia / Estágio	Língua estrangeira: análise contrastiva

Uma rápida leitura nas nomenclaturas das disciplinas de núcleo comum nos mostra a preocupação em formar profissionais capazes de lidar com as línguas materna e estrangeira nos mais diversos contextos, além de possibilitar uma

conscientização sobre as variedades linguísticas e culturais, abordando também a literatura das línguas de formação. Por outro lado, em relação às disciplinas específicas, nota-se que o futuro profissional não só deve ter capacidade de reflexão crítica sobre temas e questões relativas à teorização da tradução, como também deve ser capaz de fazer uso de novas tecnologias, engajar-se em pesquisas na área e realizar traduções dos mais diversos gêneros textuais, inclusive tradução audiovisual, uma área em contínuo crescimento. Nesse sentido, visando à formação de um profissional preparado para o mercado, parece indiscutível que um curso alicerçado na confluência entre prática e teoria é considerado o caminho mais apropriado para o sucesso do aluno.

3. Formação: teoria e prática

De acordo com Francis Aubert, na introdução do livro “Conversa com tradutores”, há dois movimentos que envolvem a(s) teoria(s) da tradução, *a teorização pela teorização*, que reflete o nascimento de um espaço institucional próprio, decorrente da reflexão intelectual, e *a geração de alianças com áreas teóricas afins*, como a lexicografia, a análise de discurso, a antropologia, os estudos interculturais, a psicanálise (cf. 2003, p.11). Ainda de acordo com o autor, “se resta à teoria o desafio da derivação explícita para a prática, resta igualmente claro que a verdadeira prática não se faz sem o fio condutor de uma teorização multifacetada” (AUBERT, 2003, p.15).

Assim como Aubert, Darin (2013), Rodrigues (2012), Martins (2006), Gonçalves e Machado (2006), entre outros estudiosos, são categóricos em afirmar que a fundamentação teórica e o conhecimento de alguns conceitos e abordagens de tradução são essenciais para a formação do tradutor. De acordo com Darin (2013),

ainda é incipiente a discussão sobre o papel da teoria da tradução e os objetivos das disciplinas teóricas para os futuros tradutores nas universidades brasileiras, opinião compartilhada por Rodrigues (2012). Pym (2008) defende que “os tradutores teorizam sempre que traduzem; a teorização é uma parte importante da prática tradutória”(p.30), elevando a teorização acima do conhecimento declarativo e das habilidades técnicas. Em Martins (2006) temos um enfoque que vai além da competência tradutória (resumidamente, conhecimentos linguísticos, estilísticos e literários) e leva-nos à competência do tradutor, que se refere não só à capacidade de propor traduções adequadas, mas ao uso de ferramentas, à capacidade de trabalhar em equipe, de negociar, de se auto-avaliar, de se atualizar, de desenvolver habilidades inter e intrapessoais (cf. 2006, p.30), sempre tendo, como pano de fundo, uma conscientização teórica. De maneira similar, Gonçalves e Machado (2006) e Hurtado-Albir (2005) também advogam pelo desenvolvimento de competências.

Se, de um lado, o papel da teorização nos cursos de graduação merece estudos mais aprofundados, por outro, o próprio papel do professor é questionado, especialmente se considerarmos as crenças dos ingressantes em relação ao próprio ensino da tradução.

4. O papel do professor

Considerando as exigências do mercado, as crenças dos alunos e as concepções de tradução e de formação de tradutores do professor de tradução, somos levados a concordar com Martins, quando afirma, a respeito do papel do tradutor:

A lista de requisitos indispensáveis para a execução dessa tarefa [ensino de tradução] parece interminável: ter experiência tradutória, ter didática docente, saber avaliar, usar pelo menos algumas das ferramentas eletrônicas

disponíveis, conhecer bem diversos assuntos, estar familiarizado com diferentes modalidades de tradução... (2006, p.40).

Martins conclui que, para não se sentir “melancólico” diante da impossibilidade de cumprir todos esses “papéis”, cabe ao professor criar espaços de interlocução propícios ao debate e à troca de ideias sobre o ensino da tradução. Podemos relacionar tal posicionamento com a afirmação de Frota (2006), quando defende que as dinâmicas em sala de aula, as avaliações de tradução e os métodos pedagógicos são bastante diferentes daqueles do passado, e devem acompanhar as “reconfigurações conceituais e metodológicas no campo da educação, bem como os avanços tecnológicos”(Frota, 2006, p. 151).

5. O que cabe à academia?

Para que o egresso da graduação tenha o domínio oral e escrito das línguas em termos de recepção e produção de traduções, desenvolva uma visão crítica e ética sobre seu papel, saiba usar os recursos tecnológicos essenciais para o bom desempenho da profissão, consiga questionar e explicar teoricamente suas opções tradutórias, tenha uma concepção de língua(gem) e de tradução condizentes com o seu papel de produtor de sentidos, cabe à universidade, primeiramente, questionar antigas posturas em relação à função do professor na formação acadêmica e profissional do aluno (cf. Stupiello, 2006).

Em segundo lugar, é preciso que se discutam as representações do curso e da profissão e o papel do professor e da universidade em contraste com o mercado de trabalho e os pares esperam do profissional iniciante. Por último, é necessário que se promova o desenvolvimento de pesquisas dedicadas ao ensino da tradução.

Com este trabalho, concluiu-se que as grades de cursos de destaque refletem a indissociabilidade entre reflexão teórica e prática tradutória e mostram que, ao contrário do que alguns profissionais insistem em afirmar, não são deixadas de lado as exigências do mercado, o que pode ser confirmado não só pelas grades curriculares como também pelo perfil dos egressos. Falta, entretanto, uma maior divulgação do papel da universidade para a valorização do tradutor no mercado de trabalho e do professor de tradução como parte primordial para que esse sucesso aconteça.

6- Referências bibliográficas

ARROJO, Rosemary (org). **O signo desconstruído**. Implicações para a tradução, leitura e ensino. Campinas: Pontes, 1992.

ARROJO, Rosemary. **Tradução, Desconstrução e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

AUBERT, Francis. Introdução. In: BENEDETTI, I. ; SOBRAL, A. (orgs) **Conversa com tradutores**. São Paulo: Parábola, 2003, p. 7-16

BARTHOLAMEI JR., L & VASCONCELLOS, M. L. **Estudos da Tradução I**. Florianópolis: Centro de Comunicação e Expressão/UFSC, 2008.

BRITTO, Paulo Henriques. Desconstruir para quê? **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 8, p. 41-50, jan. 2001. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5883/5563>>. Acesso em: 13 nov. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/5883>.

DARIN, Leila. O ensino da teoria da tradução para graduandos: um campo aberto à pesquisa. **Tradução & Comunicação**, n.27, 2013, p. 9-20. Disponível em: <http://sare.anhanguera.com/index.php/rtcom/article/view/7871>> Acesso em: 27 jun. 2014.

FROTA, Maria Paula. Um balanço dos Estudos da Tradução no Brasil. **Cadernos de Tradução**: UFSC, 2006.

GONÇALVES, J.L.; MACHADO, I. Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. In: Pagano, A.; Vasconcellos, M.L.. (orgs). **Cadernos de Tradução**. Formação de tradutores e pesquisadores em estudos da tradução. Santa Catarina: UFSC, v. 1, n. 17, 2006, p. 45-69.

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/440> Acesso em 27 jun. 2014

HURTADO-ALBIR, A. A Aquisição da Competência tradutória. Aspectos teóricos e didáticos. **Competência em Tradução. Cognição e Discurso**. Belo Horizonte: UFMG, p.19-57, 2005.

MARTINS, Márcia A.P. Novos desafios na formação de tradutores. In: Pagano, A.; Vasconcellos, M.L.. (orgs). **Cadernos de Tradução**. Santa Catarina: UFSC, v. 1, n. 17, 2006, p. 25-44.

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/440>

OTTONI, Paulo (org.). **Tradução. A prática da diferença**. 2 ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2005.

PAGANO, Adriana; Alves, Fabio; Magalhães, Célia. **Traduzir com autonomia**. Estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Contexto, 2000.

PYM, Anthony. Redefinindo competência tradutória em uma era eletrônica. Em defesa de uma abordagem minimalista. Trad. Adauto Villela. **Cadernos de Tradução**, [S.l.], v. 1, n. 21, p. 9-40, nov. 2008.

Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2008v1n21p9>>. Acesso em: 17 jan. 2015.

RODRIGUES, Cristina C. Desafios ao ensino da tradução. **Abehache**, ano 2, nº 3, 2º semestre 2012. Disponível em:

http://www.hispanistas.org.br/abh/images/stories/revista/Abehache_n3/13-24.pdf

Acesso em 27 jun 2014.

SISCAR, Marcos. **Jacques Derrida**. Literatura, política e tradução. Campinas: Autores Associados, 2013.

STUPIELLO, Erika N. A. O ideal e o real no ensino universitário da tradução. In: Pagano, A.; Vasconcellos, M.L.. (orgs). **Cadernos de Tradução**. Formação de tradutores e

pesquisadores em estudos da tradução. Santa Catarina: UFSC, v. 1, n. 17, 2006, p. 129-139. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/440>

WILLIAMS, Jenny & CHESTERMAN, Andrew. **The Map** – A Beginner's Guide to Doing Research. Manchester, UK: St. Jerome, 2002.

Webografia

<http://ecos-da-traducao.blogspot.com.br/p/cursos-de-graduacao-em.html>

<http://guiadoestudante.abril.com.br/profissoes/comunicacao-informacao/traducao-interpretacao-687919.shtml>

<http://www.guiadacarreira.com.br/artigos/carreira/mercado-tradutor-einterprete/>

http://www.cchla.ufpb.br/ctrad/?page_id=7

<http://www.ileel.ufu.br/ileel/>

http://let.unb.br/traducao/?page_id=348

<http://www.lettras.puc-rio.br/traducao.php>

<http://www.usc.br/graduacao/letras-tradutor/>

http://www.fibrapara.edu.br/curso_trad_inter/TradInter_PortMEC.php

http://www.cchla.ufpb.br/ctrad/?page_id=7

<http://www.ibilce.unesp.br/#!/graduacao/cursos/tradutor/apresentacao/>